

LITERATURA BRASILEIRA EM PORTUGAL:
A REVISTA *TERCEIRA MARGEM*

Joelma Santana Siqueira

Lilian Barbosa Ferrari

Universidade Federal de Viçosa

RESUMO: Relata-se pesquisa sistemática dos cinco números da revista *Terceira Margem*, publicada entre 1998 e 2004, pelo Centro de Estudos Brasileiros Adolfo Casais Monteiro da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a direção de Arnaldo Saraiva, assinalando sua relevância para o conhecimento da literatura e da cultura brasileiras no final do século XX e início do século XXI. Além de textos de ficção, de poesia, de crônica e de ensaio e crítica, registram-se também seções de “notas” e de “notícias”, que contemplam não só a produção literária brasileira, mas também as relações culturais entre Brasil e Portugal, além de estudos, eventos, exposições e o comércio de livros brasileiros em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: *Terceira Margem*; O Porto; Relações Portugal-Brasil; Literatura; Arnaldo Saraiva.

ABSTRACT: A systematic research of the five issues of *Terceira Margem*, a journal published between 1998 and 2004, by the Brazilian Studies Center Adolfo Casais Monteiro of the O Porto's University, directed by Arnaldo Saraiva, forecasts its importance to the knowledge of Brazilian literature and culture at the end of de 20th Century and beginnings of the 21st. Besides fiction and poetry texts, chronicles, essays and criticism, are registered also sections of “notes” and “news”, referring not only to the Brazilian literary production, but to Brazil and Portugal cultural interchanges, as well as studies, events, exhibits and the Brazilian books trade in Portugal.

KEYWORDS: *Terceira Margem*; O Porto; Portugal-Brazil interchange; Literature; Arnaldo Saraiva.

O Porto e as relações culturais Portugal--Brasil

Ao longo da história luso-brasileira, a cidade do Porto desempenhou sempre um papel relevante na relação humana, social e cultural de Portugal com o Brasil. Nalguns períodos, como a segunda metade do século XIX, o Brasil chegou mesmo a ser um tema obsessivo da sociedade ou da vida portuense. Num estudo de Maria Antonieta Cruz (1989, p.186-7), que fez pesquisas nos periódicos o *Jornal do Porto* e o *Comércio do Porto*, publicados entre 1859 e 1875, pode ler-se que “o Brasil tinha um lugar privilegiado nestes jornais, onde tudo o que ocorria na antiga colônia era objecto de interesse”, desde registros de contrato social no Tribunal de Contas, portugueses falecidos no Brasil, carestia da vida, ações governamentais até pormenores da vida cultural.

Não admira que no Porto ou na sua região tenham nascido escritores que se distinguiram na sua relação com o Brasil; lembrem-se por exemplo os nomes de Pero Vaz de Caminha, autor do primeiro texto escrito no e sobre o Brasil, Bento Teixeira, a quem se deve o poema épico *Prosopopeia*, Tomás Antônio Gonzaga, o mais lido poeta dos fins do século XVIII e primeira metade do século XIX, Faustino Xavier de Novais, cunhado de Machado de Assis, famoso pela sua poesia satírica e pela edição de uma revista literária carioca. E convirá lembrar que, em tempos mais recentes, saíram do Porto dois escritores que tiveram grande ação cultural e crítica no Brasil: Agostinho da Silva, que ensinou em várias universidades brasileiras¹, algumas das quais ajudou a fundar, tendo estado envolvido na criação do Centro de Estudos Afro-Orientais em Salvador e no Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília², e Adolfo Casais Monteiro, que ensinou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Araraquara, no estado de São Paulo³, e deixou importantes e influentes estudos, sobre o romance e sobre a poesia, em livros e em

¹Disponível em

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20agostinho%20da%20silva>. Último acesso em 05/05/2017.

²Disponível em

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20agostinho%20da%20silva>. Último acesso em 05/05/2017.

³ Disponível em <

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20adolfo%20casais%20monteiro>. Último acesso em 05/05/2017.

colaborações na imprensa, nomeadamente no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*.

A despeito das relações históricas luso-brasileiras, a informação cultural e literária brasileira sempre conheceu - no Porto e em Portugal - grandes dificuldades. Em 1873, Pinheiro Chagas, de acordo com Maria Eunice Moreira (2007, p.35), dizia que era mais fácil estudar a literatura chinesa em Portugal do que a literatura brasileira, uma vez que editores parisienses mandavam para Lisboa os romances chineses traduzidos, ao passo que, do Brasil, as únicas novidades que iam para Portugal eram “café, açúcar e banana”. No entanto, em 1999 Maria Luísa Marcelino, em um pequeno texto intitulado “Edições portuguesas de autores brasileiros”, já podia observar o empenho de algumas editoras portuguesas, como Lello e Campo das Letras, do Porto, e Dom Quixote e Livros do Brasil, de Lisboa, para tornarem conhecidos em Portugal escritores brasileiros. Mais recentemente, em 2014, a editora lisboeta Glaciari, apoiada pela Academia Brasileira de Letras, tomou a iniciativa de lançar em Portugal, ao longo dos próximos anos, 25 obras fundamentais da literatura e cultura brasileiras. O primeiro volume foi a monumental reunião dos dez romances de Machado de Assis⁴.

Ao longo do século XX, várias revistas portuguesas quiseram prestar atenção à cultura e literatura brasileiras, incluindo as duas mais prestigiadas: *Orpheu* e *Presença*. A primeira, que só teve dois números, o primeiro dos quais publicado em Lisboa no dia 25 de março de 1915, e que contou com a colaboração dos principais modernistas portugueses (Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros), correspondia a um projeto luso-brasileiro, pelo que teve como directores iniciais o português Luís de Montalvor e o brasileiro Ronald de Carvalho, mas, por vários motivos, a colaboração brasileira limitou-se à de Ronald de Carvalho e de Eduardo Guimaraens. Assinale-se que o centenário de *Orpheu* foi celebrado com um Congresso Internacional intitulado “100 Orfeu” na Fundação Engenheiro António de Almeida, no Porto, na Fundação Calouste Gulbenkian e no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, e na Universidade de São Paulo. Quanto à revista *Presença*, publicada em Coimbra desde 1927 até 1940, ela contou com a colaboração de alguns

⁴Disponível em <<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/a-grande-literatura-brasileira-numa-colecao-de-referencia-1671299>>. Último acesso em 05/05/2017.

dos mais ilustres escritores portugueses, como José Régio, Casais Monteiro, Miguel Torga e Vitorino Nemésio, mas também com a de alguns dos melhores modernistas brasileiros, como Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Jorge de Lima e Cecília Meireles.

As revistas de arte e cultura tiveram um papel importante na história da literatura. Em relação à literatura brasileira no século XIX, a Revista *Niteroy*, publicada em Paris em 1936 por jovens escritores brasileiros, foi precursora de nosso Romantismo. No século XX, as revistas modernistas funcionaram como um dos principais veículos de atuação das vanguardas brasileiras. A esse respeito, Ivan Marques em seu *Modernismo em Revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920* afirma que “seria injusto relegar os periódicos a um papel coadjuvante e quase invisível, mais próximo das coxias que da ribalta, quando sua importância, na verdade, sobretudo na época do movimento, foi bem maior.” (2013, p.20). Hoje, sem desmerecer a importância de muitas revistas acadêmicas para divulgação das pesquisas realizadas nas universidades, vale observar a história de algumas revistas surgidas fora da academia, embora, às vezes, contando com apoio institucional vigoroso, como o do Instituto de Arte Moreira Salles, a exemplo da revista *34 Letras*, do Rio de Janeiro, que, com sete números publicados entre setembro de 1988 e março de 1990, posteriormente aliada a um grupo de São Paulo, fundou a Editora 34, atualmente, com mais de 500 títulos em seu catálogo que abrange diversas áreas das ciências humanas. Ou a revista *Inimigo Rumor*, que, dedicada à poesia, com dez anos de existência e vinte números lançados, filiada à editora 7 Letras, manteve parceira em Portugal por meio das editoras Cotovia e Angelus Novus, e, posteriormente, com a editora brasileira Cosac Naify, ampliando sua distribuição e, com isso, realizando um trabalho importante de divulgação e discussão da poesia contemporânea.

Em Portugal, publica-se desde 1971 a importante revista *Colóquio/Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, dedicada às literaturas de língua portuguesa (o que abrange não só a portuguesa, mas, também, a brasileira, as africanas de expressão portuguesa e a galega)⁵. Mas em 1998 surgiu no Porto uma revista, *Terceira Margem*, inteiramente dedicada à literatura brasileira. Fundada por iniciativa do professor Arnaldo Saraiva, filiada ao Centro de Estudos Brasileiros Adolfo Casais Monteiro da

⁵ Disponível em: < <http://colouquio.gulbenkian.pt/historia/index.htm> >. Último acesso em 05/05/2017.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, esta revista teve cinco números, lançados entre 1998 e 2004. A iniciativa foi saudada na imprensa portuguesa, por exemplo pelo *Expresso*, pelo *Jornal de Letras* e pelo *Jornal do Fundão*, mas também pela imprensa brasileira, nomeadamente *O Globo* e o *Jornal do Comércio* (RJ). O diretor da revista, Arnaldo Saraiva, professor, crítico, tradutor, ensaísta, poeta, cronista, ator e jornalista, quis que a revista tivesse colaboração inédita de criadores brasileiros e de ensaístas ou críticos portugueses, e que, desde o grafismo original, não se confundisse com uma típica revista acadêmica, abrindo-se a diversos temas e linguagens e prestando atenção ao que de mais vivo ou relevante se passava no mundo cultural e literário do Brasil, de todo o Brasil e não só das suas duas ou três capitais culturais.

A Universidade do Porto e a *Terceira Margem*

Não foi por acaso que surgiu no Porto, e na sua Faculdade de Letras, a revista *Terceira Margem*. Como já sugerimos, o Porto foi historicamente marcada pela intensa relação cultural e literária com o Brasil, que aliás correspondia de algum modo à intensa emigração que de lá sempre partiu para terras brasileiras.

No entanto, tardou muito a instauração dos estudos brasileiros na cidade. Embora o Porto já tivesse instituições de ensino superior, a Universidade do Porto só foi criada em 1911, logo após a implantação da República em Portugal, e apenas com duas faculdades: Ciências e Medicina. A Faculdade de Letras só seria criada em 1919, graças aos esforços de Leonardo Coimbra e de outros ilustres professores, que todavia não conseguiram evitar a sua extinção pelo chamado Estado Novo, por tortuosas razões, logo em 1928. Com o tempo, e com as pressões das populações portuenses e nortenhas, que não se conformavam com os “monopólios” de Lisboa e de Coimbra, o Porto foi ganhando novas faculdades. Hoje conta com 14, nas mais diversas áreas do saber, além de uma escola de pós-graduação, a Escola de Negócios da Universidade do Porto, e oferece cursos de Licenciaturas e Mestrados Integrados, Mestrados, Doutoramentos e Educação Contínua. A Universidade apresenta uma grande atratividade para os estudantes - interessados em completar a etapa final de seus cursos

com uma experiência estrangeira e, não só - como também para investigadores e professores de várias nacionalidades, dada a sua excelência, reconhecida internacionalmente.

Mas a nova Faculdade de Letras só foi criada em 1961, com os cursos de História e de Filosofia⁶, a que, no final desta década, se somou o curso de Filologia Românica. Foi no âmbito deste curso que em 1972 começaram a funcionar os estudos de Literatura Brasileira, ministrada por Arnaldo Saraiva e Teresa Leal Martinez.

É de assinalar que a Faculdade de Letras do Porto atrai todos os anos estudantes de diferentes nacionalidades, muitos dos quais brasileiros, através de seus programas de mobilidade; e que nos seus cursos houve e há frequentes chamadas para a realidade, geográfica, sociológica e cultural do Brasil, país que contou com o trabalho fecundo de dois antigos alunos da antiga Faculdade de Letras do Porto, os já referidos Agostinho da Silva e Adolfo Casais Monteiro. O nome deste foi dado, por decisão de Arnaldo Saraiva, ao do Centro de Estudos Brasileiros, que guarda parte da sua biblioteca, e que editou a revista *Terceira Margem*.

Esta revista correspondeu a um antigo projeto de Arnaldo Saraiva, tendo em conta seu empenho no estudo e na divulgação da literatura brasileira em Portugal, e veio a público num momento em que se tornava urgente a sua concretização: o das celebrações luso-brasileiras nos anos 2000. Veja-se o que, a esse respeito, Saraiva afirma, em entrevista a ser publicada⁷:

Quando desapareceram os suplementos literários dos jornais e a diplomacia brasileira se desinteressou da promoção cultural em Portugal, que no início dos anos 60 tanto mobilizou o secretário de embaixada de Lisboa Alberto da Costa e Silva, achei que se impunha no país dito irmão do Brasil a publicação de uma revista dedicada especialmente a obras e autores brasileiros. (SARAIVA *apud* FERRARI; SIQUEIRA, 2016).

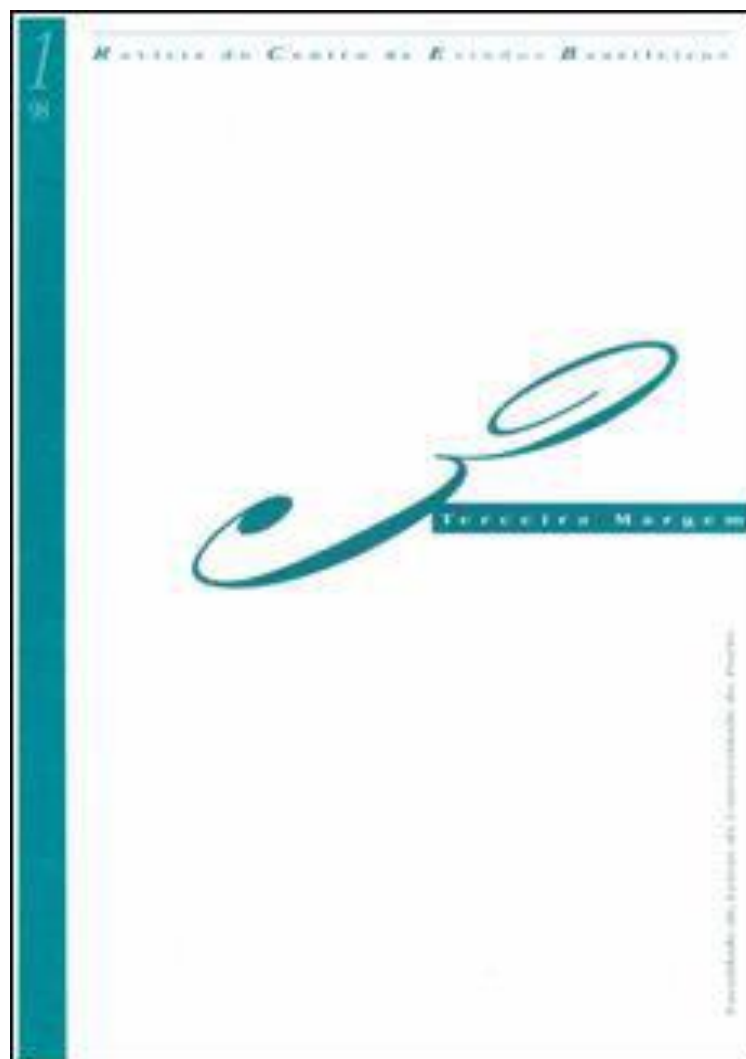
O que evidencia, portanto, um contexto que já acarretava alguma dificuldade à divulgação de obras e de autores brasileiros em Portugal, também por desinteresse da parte da diplomacia brasileira.

⁶ Disponível em: < https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=historia>. Último acesso em: 05/05/2017.

⁷ SARAIVA, Arnaldo. Entrevistadoras: FERRARI, Lilian Maria Barbosa & SIQUEIRA, Joelma Santana. Viçosa, 2016. Disponível em;

Todas as edições tiveram como comissão de redação Maria de Fátima Marinho, professora catedrática e, atualmente, vice-reitora da Universidade do Porto, e Francisco Topa, professor associado da mesma universidade. A capa e o grafismo foram da responsabilidade de João Machado, que tem uma extensa produção como ilustrador, designer, autor de capas e de cartazes que já lhe proporcionaram exposições individuais, além de inúmeros prêmios, nacionais e internacionais.⁸ A revista tem o formato final em dimensões A4, a capa em papel cartão com gramatura de 240g e o miolo em papel offset 120g, cor creme, com lombada quadrada, costurada e colada, com características gráficas gerais recorrentes, sem alterações significativas, exceto pelas cores das capas, que diferem nos vários números da Revista. Quanto à periodicidade, seus 5 números não apresentaram uma regularidade, sendo os dois primeiros publicados em 1998 e 1999 e os demais em 2002, 2003 e 2004. Este hiato entre o segundo e o terceiro número é esclarecido por seu diretor nas notas da edição número 3, pelo fato de estarem, sobretudo, envolvidos com outras publicações no contexto das comemorações dos 500 do Brasil: como *Literatura Portuguesa e Brasileira Ano 2000* e *Literatura Brasileira em Questão*.

⁸ Disponível em: < <http://www.joaomachado.com/> >. Último acesso em: 05/05/2017.



Capa do primeiro número da revista *Terceira Margem*, de 1998.

Do primeiro número, publicado em 1998, destacamos poemas inéditos de João Cabral de Melo Neto e Augusto de Campos, ao lado de colaborações de portugueses ilustres como Eduardo Lourenço e Agustina Bessa-Luís. O segundo número (1999) apresenta publicações inéditas da literatura brasileira: Marly de Oliveira, Manoel de Barros e Nelson Ascher, com textos poéticos, e João Almino e Luis Fernando

Veríssimo, com textos em prosa. Já da terceira edição (2002), podemos destacar contribuições inéditas dos poetas Haroldo de Campos e Heitor Ferraz e dos prosadores Bernardo Carvalho, Ana Miranda e Antônio Torres, além do ensaio excepcional de Walnice Nogueira Galvão sobre Casais Monteiro e de outros ensaios sobre poetas e prosadores de vários tempos (de Francisco Topa sobre Santa Rita Durão, de Luísa Mota sobre Cecília Meireles, de Ângela Sarmento sobre Carlos Pena Filho, de Carla Neves sobre Machado de Assis, e de Maria Augusta Cosme Costeira sobre Aluísio de Azevedo). O número 4, publicado em 2003, apresentou no campo da criação poética, contribuições inéditas de Caetano Veloso, o primeiro texto que ele escreveu só como poema, Tarso de Melo, Ruy Espinheira Filho e, na ficção, Ignácio de Loyola Brandão e Cláudio Aguiar. Da quinta edição (2004), destaca-se a colaboração inédita, na poesia, de Ivan Junqueira, Arnaldo Antunes, Alexei Bueno, Carlos Newton Júnior e, na prosa, de Guiomar de Grammont, Charles Kiefer e Rui Mourão.

Não é aqui possível assinalar a importância de cada uma das várias colaborações, criativas ou ensaísticas e críticas, da revista do Centro de Estudos Brasileiros da FLUP: limitamo-nos a chamar a atenção para algumas secções e para alguns temas ou problemas que ela levantou ou analisou.

Recepção da literatura brasileira em Portugal

O ensaio inaugural da revista intitulado “Da literatura brasileira como rasura do trágico” foi escrito por Eduardo Lourenço, crítico e ensaísta português, nascido em 1923. Tendo cursado Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde também foi professor, Eduardo Lourenço tem uma vasta produção ensaística, abrangendo diversas áreas, da literatura e da arte aos acontecimentos políticos contemporâneos e é considerado intérprete maior das questões da cultura portuguesa e universal, tido como um dos mais prestigiados intelectuais europeus⁹. Esteve no Brasil, onde lecionou na Universidade Federal da

⁹ Disponível em < <http://www.bmel.pt/eduardo-lourenco/vida> >. Último acesso em 10/04/2016.

Bahia. Atualmente, é Conselheiro de Estado, designado pelo Presidente da República de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa. Inspirado inicialmente pelo neo-realismo, sua abordagem crítica da realidade foi se aproximando do existencialismo, através do contato com obras de pensadores franceses. Seu ensaio aborda, entre outros aspectos, o trágico na obra de Machado de Assis e o anti-trágico no Modernismo brasileiro. Assim, pondera: “Não é fácil escolher, para adequada perspectiva da obra de Machado de Assis, entre o optimismo trágico e a tragédia optimista. Ela balança entre uma e outra.” E continua: “É no nosso século que a obsessão da *brasilianidade* se converte no objecto supremo da líbido escritural do Brasil. Por isso é natural que o momento *anti-trágico* paradigmático da literatura brasileira seja o Modernismo [...]” (1998. p.9).

Agustina Bessa-Luís, romancista nascida em 1922, é quem assina o ensaio “Quimera e Literatura”. Nele, como em outros ensaios, podemos observar a recepção da literatura brasileira pelos escritores portugueses. A escritora, que em 1954 impôs-se na ficção portuguesa com o romance *A Sibila*, conjuga influências pós-simbolistas de autores como Raul Brandão na construção de uma linguagem narrativa com referências de autores franceses como Proust e Bergson, nomeadamente no que diz respeito à estruturação espaço-temporal da obra¹⁰. Em seu ensaio, Agustina refaz o caminho pelas memórias de seus “primeiros encontros com as Letras brasileiras”, através de obras de José de Alencar e Machado de Assis, por exemplo, que “foram fatais, porque as conheci pelo lado irreal e evocatório da narrativa doutro do país de que nada se sabe. O lado quimérico, digamos.” Assim, segundo a romancista, quando esteve no Brasil, “foi como se voltasse a folhear as páginas daquela biblioteca que aos dez anos abri pela primeira vez.” (1998, p.15).

“Para uma teoria do texto enigmático ou: o conto enigmático de Machado de Assis”, de Arnaldo Saraiva, é o terceiro ensaio, e o de maior fôlego, no número inaugural da revista. Nele, o ensaísta destaca obras que se impõem pelo fato de serem enigmáticas, “pela qualidade ou densidade dos seus enigmas, pelas interrogações ou pelos problemas globais ou parciais que contêm ou suscitam, [...]” (1998, p.18). Nesse sentido, não se pode dizer que os textos literários são igualmente enigmáticos.

¹⁰ Disponível em: < <http://www.wook.pt/authors/detail/id/10142>>. Último acesso em 05/05/2017.

Prova disso são os contos “O cônego ou metafísica do estilo”, “Adão e Eva” e “Missa do Galo”, com os quais Saraiva se ocupa mais detidamente.

A propósito da obra *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa, que é também implicada no título da própria revista, Maria de Fátima Marinho, docente da Faculdade de Letras de Universidade do Porto (FLUP) e atualmente vice-reitora da Universidade do Porto, escreve o ensaio “O amor e a morte nas *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa”, no qual reflete sobre como a problemática do amor e da morte, por vezes, se entrecruzam, nomeadamente nos contos “Sequência”, “Substância”, Luas-de-Mel”, “Fatalidade”, “Os Irmãos Dagobé” e “Nada e a Nossa Condição”.

Seguindo a linha da relação entre as literaturas brasileira e portuguesa, Francisco Topa, professor associado da FLUP, e agregado em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, estudioso da literaturas africanas de língua portuguesa e com trabalhos sobre o barroco na literatura brasileira, escreve o ensaio “Ficção científica portuguesa e brasileira”, tendo como foco a obra *O Atlântico Tem Duas Margens – Antologia da Novíssima Ficção Científica Portuguesa e Brasileira* (1993), de José Manuel Morais. Nele, Topa destaca que a publicação “constituiu um acontecimento importante, pela aposta que representou em relação a duas literaturas de ficção científica exteriores ao mundo anglo-saxónico”, ainda mais se consideramos os rótulos que a ficção científica recebe, “condenada ao estatuto de forma marginal, empurrada para a periferia do sistema literário, rodeada de preconceitos”, quando essa produção deveria ser compreendida por outro viés, como “uma sábia combinação entre a poesia épica e a poesia lírica e de que, em qualquer caso, não há nada de essencial da literatura canônica que lhe seja estranho.” (1998, p.37).

Em um ensaio, inscrito na *Terceira Margem* de 2002, Saraiva aborda “A poesia brasileira em Portugal”, em que são apresentados aspectos que envolvem a presença da Literatura Brasileira do outro lado do Atlântico ao longo do século XX, tais como: suas fases, poetas editados em Portugal e os de maior sucesso ou influência, além de críticos portugueses que se dedicaram a autores do Brasil. As décadas mais favoráveis foram as de 1930, 1960 e 1990. A primeira devido ao grande número de revistas literárias que divulgavam notícias e críticas sobre obras que estavam sendo publicadas na década de 30; na seguinte, graças à ação do diplomata Alberto da Costa e Silva ao Centro Brasileiro do Livro, que exibia em livrarias várias obras brasileiras; e em 1990,

em função do ensino dessa literatura em várias universidades, o que aumentou o interesse de vários editores por obras literárias brasileiras e a ocorrência de colóquios internacionais.

Ainda, segundo Saraiva, a poesia brasileira se fez presente em Portugal nas inúmeras revistas literárias publicadas no século XX, como *A Águia* (1910-1923), *Orpheu* (1915-1916), *Atlântida* (1915-1920), *Atlântico* (1942-1950), *Colóquio* ou *Colóquio/Letras* (1959 até hoje) e, mais recentemente, com a *Terceira Margem*, que à data de publicação do ensaio contava com apenas dois números (1998-1999). Além de fazer um levantamento de antologias exclusivamente dedicadas à poesia brasileira publicadas desde meados do século XX e de alguns poetas brasileiros editados em Portugal, o autor conclui o ensaio afirmando que a edição e a circulação de obras poéticas do Brasil em Portugal é insatisfatória sobretudo se considerarmos a afinidade linguística, um fator que contaria a favor de sua maior circulação. Reitera, ainda, a importância da presença da poesia brasileira em Portugal pelo fato de que se a literatura brasileira do século XIX ainda era marcada por modelos portugueses, no século XX é ela que passa a marcar a poesia portuguesa, principalmente pelo aspecto inventivo e da desenvoltura linguística.

Em “A causa da literatura brasileira em Portugal”, ensaio que também foi o pronunciamento de Saraiva na abertura do II Congresso Português de Literatura Brasileira, realizado na FLUP em 2003, é destacada a relação privilegiada do Porto com o Brasil e com a cultura e literatura brasileiras, citando nomes de autores portugueses que viveram no Brasil, como Tomás Antônio Gonzaga e de autores brasileiros que se inspiraram no Porto como João do Rio, Cecília Meireles e Marly de Oliveira. Arnaldo Saraiva destaca a importância da presença da literatura brasileira em Portugal, dado que “se nunca como hoje houve tantos brasileiros em Portugal [...], se nunca como hoje houve tantos portugueses a viajar para o Brasil [...], bom seria que se concedesse mais dignidade ou mais espaço à cultura e à literatura brasileiras tanto nas universidades como nos *media* [...]” e remata defendendo a entrada e a circulação desta mesma literatura em terras lusas, certo “das vantagens do seu diálogo permanente com a literatura portuguesa, tanto nas semelhanças quanto nas diferenças, tanto nas imitações quanto nas rupturas [...]”, em que Brasil e Portugal poderiam se

beneficiar através do enriquecimento do léxico, desenvolvimento de capacidades expressivas e do estímulo da imaginação e da criatividade.

Seção “Notas”

A revista manteve-se sempre fiel à divisão em “seções” de ensaio, poesia, ficção ou prosa, documentos, notas ou comentários, e crítica (de livros). Nesta foram contemplados, por diversos estudiosos, muitos dos autores ou das obras que se afiguravam de particular interesse no panorama da literatura brasileira finissecular ou do início do século XXI.

Na seção de “notas”, presente nos cinco números da revista, é possível encontrar uma variedade de temáticas, que podem incidir sobre teses sobre literatura brasileira defendidas na Faculdade de Letras do Porto, sobre congressos de literatura brasileira, sobre colaboradores brasileiros, sobre a morte de escritores brasileiros, sobre exposições, sobre o acordo ortográfico, a Viação Varig, as edições de livros, etc. Uma delas, por exemplo, refere o lançamento de um CD de Lauro Moreira, *Mãos Dadas*, com 85 poemas de 28 dos melhores poetas lusófonos ditos pelo ator goiano. Este seria um exemplo inscrito entre as iniciativas ou os encontros de lusofonia que estariam na moda quando se aproximava a celebração dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil. Também Eugénia Melo e Castro concebeu um programa televisivo em que associou músicos brasileiros, portugueses e africanos lusófonos. Nesse sentido, Miguel Baptista referiu a importância e o impacto que teriam programas televisivos envolvendo outros criadores, nomeadamente escritores, possibilitando, assim, uma dinâmica de conhecimento mútuo da criatividade lusófona.

Ainda nesta seção, encontramos notícias relativas a um contexto mais imediato e que diziam respeito à comunicação entre brasileiros e portugueses, como por exemplo a decisão da companhia aérea Varig que havia suspenso os voos a partir do Porto, ficando a ligação entre Portugal e Brasil centralizada no aeroporto da capital portuguesa. Também a visita do então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, a Portugal é registrada, bem como os três acordos que dela resultaram, relativos à facilidade de circulação de pessoas, à prevenção e repressão do tráfico ilícito de migrantes e sobre a contratação recíproca de nacionais.

Nas “Notas” dos vários números podemos encontrar especiais informações e comentários. Alguns deles dizem respeito à própria revista, ao seu nome, ao seu projeto editorial, à sua recepção, à sua irregularidade publicitária. A nota “Esta revista, este título”, esclareceu que o título da revista, nascida na véspera das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, coincide com o de uma efêmera revista nordestina, o de um romance de Benedito Monteiro, o de outra revista editada no Rio de Janeiro e, com o acrescento do artigo definido “A”, o de uma peça de teatro de Cleise Furtado Mendes e Paulo Dourado; mas a “marca registrada” do sintagma é de Guimarães Rosa, com seu conto de *Primeiras Estórias* (1962), “A terceira margem do rio”, título respeitado num filme de Nelson Pereira dos Santos inspirado no conto.

Outra nota, do segundo número, regista a recepção da revista pelos leitores e pela imprensa portuguesa e brasileira: a imprensa distinguiu especialmente a colaboração inédita de João Cabral de Melo Neto, um poema que alguns transcreveram sem citar a fonte, o ensaio de Eduardo Lourenço, e a carta inédita de Cecília Meireles, sobre o suicídio do seu marido.

No terceiro número de *Terceira Margem* há notas sobre a Academia Brasileira de Letras, sobre o canal brasileiro GNT e as transmissões para Portugal, sobre o nome de Machado de Assis dado a um jardim do Porto, sobre o Congresso Portugal-Brasil ano 2000, e a publicação da antologia *Literatura Portuguesa e Brasileira – Ano 2000*, com textos (quase todos inéditos) de escritores portugueses e brasileiros que participaram naquele Congresso, e das “Actas do II Congresso Português de Literatura Brasileira”.

Congressos e colóquios

Com relação à divulgação de congressos e colóquios de literatura brasileira realizados em Portugal, a revista publicou nas suas edições um total de sete notas. Houve vários congressos sobre Literatura Brasileira realizados no Porto pela Faculdade de Letras, o primeiro dos quais nos dias 3 e 4 de maio de 1984, com largas dezenas de participantes, mas de que não foi possível publicar as respetivas Atas. Já o II Congresso (1997) resultou em uma publicação, reunindo as comunicações de diversos

estudiosos brasileiros e portugueses e, também, de espanhóis, franceses, italianos, ingleses e norte-americanos. Essa publicação, organizada por Arnaldo Saraiva com a colaboração de Francisco Topa, foi intitulada *Literatura Brasileira em Questão: Actas do II Congresso Português de Literatura Brasileira* (2000). Nela encontramos, para além das comunicações, os discursos inaugural e de encerramento de Arnaldo Saraiva e uma mensagem do então Presidente da República Portuguesa, Dr. Jorge Sampaio.

Em 2000, por ocasião das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, ocorreram vários módulos do Congresso intitulado “Portugal-Brasil Ano 2000”, ficando a seção “Literatura” sob a coordenação de Arnaldo Saraiva e Carlos Nejar/João Almino, a convite dos comissários do Congresso, Professor Doutor Ernâni Lopes e Ministro Marcos Vilaça. *Terceira Margem* anunciou esse congresso luso-brasileiro e a sua realização nos dois países, em 8 sessões: metade em 1999 e a outra metade em 2000. As sessões seriam voltadas ao Direito, à Geografia, à Economia, à História, ao Ambiente, à Ciência Política e Relações Internacionais, à Sociologia e Antropologia e à Literatura, esta a ser realizada no Porto, o que na opinião do professor Arnaldo Saraiva foi uma escolha acertada, “uma vez que fora do Brasil o Porto, com seus arredores é sem dúvida a cidade mais importante para a literatura brasileira.” A tônica do evento seria no sentido de uma “análise prospectiva” e não “para analisar os 500 anos passados”, como assinalou o comissário do Congresso em Portugal, Ernâni Lopes.

Em relação ao II Congresso Português de Literatura Brasileira (1997), Maria Luísa Marcelino lembrou que ele contara com a participação de mais de 80 congressistas, não só portugueses e brasileiros mas também de outras nacionalidades, como se via pelos nomes de John Gledson, Patricia Anne-Odber, Ettore Finazzi-Agrò, Silvano Peloso, Giovanni Ricciardi, Anne-Marie Quint, Carmen Villarino Pardo, Angel Marcos de Dios, Salinas Portugal, Kenneth David Jakson. Com esse Congresso, pretendia-se fazer o percurso praticamente de toda a literatura brasileira, da mais antiga à mais moderna, e homenagear especialmente os escritores Padre José de Anchieta, Padre Antônio Vieira, Adolfo Casais Monteiro e Guimarães Rosa.

Transcorridos dois anos do Congresso Portugal-Brasil, “um dos momentos mais altos das celebrações luso-brasileiras do ano 2000”, que reuniu nomes da literatura portuguesa como Agustina Bessa-Luís, Eugénio de Andrade, Lídia Jorge,

Eduardo Lourenço, Mário de Carvalho, Maria Velho da Costa, Manuel A. Pina, e da literatura brasileira como Ferreira Gullar, Nélida Piñon, Carlos Nejar; Silviano Santiago, Ivan Junqueira, João Gilberto Noll, João Almino, Alexei Bueno e Bernardo Carvalho, Arnaldo Saraiva assinalou, na revista de número 3, que nunca tantos e tão qualificados escritores de Portugal e do Brasil se tinham juntado, em são e festivo convívio, lendo e ouvindo textos ou comentários sobre eles. No decurso do Congresso foi lançada a antologia de inéditos *Literatura Portuguesa e Brasileira – Ano 2000*, organizada por João Almino e Arnaldo Saraiva, tendo a direção gráfica de João Machado, que já havia feito o cartaz do evento, responsável também pela capa e grafismo da *Terceira Margem*.

Terceira Margem também deu notícia de um “Colóquio sobre Drummond”, por ocasião do centenário de nascimento do Poeta, organizado em complementaridade pela Faculdade de Letras de Lisboa e pela Faculdade de Letras do Porto, como ocorreria com outro colóquio sobre Erico Verissimo.

Em 2003, *Terceira Margem* anunciou o III Congresso Português de Literatura Brasileira, que seria novamente organizado por Arnaldo Saraiva e Francisco Topa, para celebrar os 80 anos de ensino oficial de literatura brasileira em Portugal e os 30 anos de seu ensino na FLUP. Foram apresentadas várias comunicações sobre obras/autores antigos e sobre obras/autores modernos, e sobre a teoria da “literatura brasileira”, tendo havido também tempo e espaço para um debate sobre a situação do ensino da literatura brasileira em Portugal.

Em 2004 seria realizado, na FLUP, o Colóquio “O Porto e a Literatura Brasileira”, cujo alvo seriam autores, antigos e modernos, de origem portuense com relevância na literatura brasileira. Deste evento deu notícia o quinto número de *Terceira Margem*, que se ocupou especialmente do trabalho em favor da literatura brasileira desenvolvido por editores, revistas e jornais portuenses.

Edições portuguesas de livros brasileiros e o mercado editorial

Sobre o mercado editorial de livros brasileiros ou de livros brasileiros publicados em Portugal, há 5 notas expressivas, que abordam a questão, destacando-se a que insiste sobre a importância de edições *in loco*, para a ampla divulgação da

literatura brasileira em Portugal e da literatura portuguesa no Brasil. Maria Luísa Marcelino, em “Edições portuguesas de autores brasileiros”, lembra que nos tempos em que no Brasil não havia tipografia, os autores brasileiros eram quase todos editados em Portugal, e alerta para a dificuldade que ainda há hoje de edição de livros portugueses no Brasil e de livros brasileiros em Portugal. Entretanto, não se esqueceu de referir a iniciativa de editores como, no início do século XX, a portuense Lello e, nos anos 50 e 60, a lisboeta Livros do Brasil, que se empenharam especialmente na edição de autores brasileiros em Portugal.

Recentemente, acompanhamos a parceria firmada entre a Academia Brasileira de Letras e a editora portuguesa Glaciar a fim de lançarem 25 obras da literatura e cultura brasileiras em Portugal. A iniciativa ocorreu em 2014 e até agora foram lançados 9 volumes: *Os Romances* (Machado de Assis), *Dialética da Colonização* de Alfredo Bosi, *Os Sertões* (Euclides da Cunha), *Poesia Completa* (João Cabral de Melo Neto), *O Ateneu* (Raul Pompeia), *O Cortiço* (Aluísio Azevedo), *Antologia Poética* (Castro Alves), *Minha Formação* (Joaquim Nabuco) e, o último título, *Iracema* (José de Alencar), publicado em 2017. Ainda, a Academia Brasileira de Letras encarregou a editora Glaciar de distribuir exemplares a todas as bibliotecas municipais de Portugal. Como Maria Luísa Marcelino sugere, a edição *in loco* parece mesmo ser ainda a melhor solução.

A nota “Habemus...dicionários” não tem a ver propriamente com livros de autores brasileiros editados em Portugal, mas com a notícia da publicação de 3 dicionários da língua portuguesa, dois no Brasil e um em Portugal, em 1999 e 2001. Em uma outra nota da mesma publicação, somos informados do empenho de vários editores no lançamento de autores brasileiros em Portugal, ação importante de divulgação da literatura brasileira, mas que poderia ser potencializada com a divulgação da mídia, com o apoio dos livreiros e escolas e das próprias autoridades brasileiras, através de acordos para facilitar a venda do livro brasileiro em Portugal e vice-versa.

Terceira Margem publicou no seu quarto número, de 2003, um precioso inquérito a editores de livros brasileiros em Portugal, que deu conta do entusiasmo, mas também de algum “esfriamento”, por falta de apoios oficiais ou dos media, com que então encaravam o mercado das publicações de autores brasileiros em Portugal,

onde nos últimos anos se verificou um aumento dessas publicações, sem todavia parecer ainda satisfatório.

Considerações finais

Nos cinco números da *Terceira Margem*, nas suas diferentes seções, há grande variedade temática e problemática, textos de poesia, ficção e ensaio de inegável interesse, informações e comentários oportunos, importantes documentos inéditos. Entre os colaboradores distinguem-se, pela sua frequência, professores e mestrados e doutorandos da Faculdade de Letras do Porto; mas na revista colaboraram estudiosos de outras universidades, portuguesas ou estrangeiras, que honraram, como os autores brasileiros criteriosamente convocados, uma publicação efémera, como são quase todas as revistas literárias sem grandes patrocinadores, mas que se tornou relevante, não só em Portugal, pelo que fez pelo estudo e pela divulgação da cultura e da literatura brasileira, e pelo estreitamento das relações culturais entre Portugal e o Brasil.

Para essa relevância bastaria a colaboração inédita de escritores brasileiros contemporâneos como - repetimos - João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Armando Freitas Filho, Caetano Veloso, Luis Fernando Verissimo, Ivan Junqueira, Alexei Bueno, Nelson Ascher, Antonio Torres, Bernardo Carvalho; mas muito contribuiu também a reflexão crítica deliberadamente conflituada, com uma excepção (de Walnice Nogueira Galvão), a não brasileiros, entre os quais Eduardo Loureço, Agustina Bessa-Luís, Maria de Fátima Marinho, Francisco Topa, Carlos Mendes de Sousa, Rui Lage, Claire Williams, Carmen Villarino

Talvez ainda seja cedo para bem avaliar o que *Terceira Margem* fez pela cultura e literatura brasileira e pela relação intelectual entre Portugal e o Brasil. Mas além de ter chamado a atenção para a importância e vitalidade da diversificada criação cultural do Brasil, a revista terá provado o que o seu diretor, Arnaldo Saraiva, nela proclamou (2000, p.12): que a literatura brasileira não deveria ser vista como uma questão só dos brasileiros, mas também como uma questão dos portugueses pois se “não é possível conhecer bem a literatura brasileira sem conhecer bem a literatura portuguesa,

também parece cada vez menos possível conhecer bem a literatura portuguesa sem conhecer bem a brasileira – que espelha, amplia e transforma ou potencializa e revitaliza aquela”.

TRABALHOS CITADOS

Revista *Terceira Margem*. Revista do Centro de Estudos Brasileiros (Adolfo Casais Monteiro) Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. n.1, 1998.

Revista *Terceira Margem*. Revista do Centro de Estudos Brasileiros (Adolfo Casais Monteiro) Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. n.2, 1999.

Revista *Terceira Margem*. Revista do Centro de Estudos Brasileiros (Adolfo Casais Monteiro) Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. n.3, 2002.

Revista *Terceira Margem*. Revista do Centro de Estudos Brasileiros (Adolfo Casais Monteiro) Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. n.4, 2003.

Revista *Terceira Margem*. Revista do Centro de Estudos Brasileiros (Adolfo Casais Monteiro) Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. n.5, 2004.

ADORNO, T. W. A indústria cultural. Trad. Amélia Cohn. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e Indústria Cultural*. 5 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CONCEIÇÃO, Nádia Souza. *Revista do Brasil, 34 Letras e Oitenta*. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/download/1034/784>>. Último acesso em 23/01/2016.

CRUZ, Maria Antonieta. *Do Porto para o Brasil: a outra face a emigração oitocentista à luz da imprensa portuense*. Conferência proferida no congresso “O Porto na época contemporânea”. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6402.pdf>>. Último acesso em 23/01/2016.

MARCELINO, Maria Luísa. Edições portuguesas de autores brasileiros. *Terceira Margem*. Revista do Centro de Estudos Brasileiros (Adolfo Casais Monteiro), Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: n.2. 1999.

MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MOREIRA, Maria Eunice. Relações ambíguas: a recepção dos românticos brasileiros pela crítica portuguesa do século XIX. *Revista Triceversa do Centro de Estudos Ítalo- Brasileiro*. Assis: Unesp, 2007. Disponível em <<http://www2.assis.unesp.br/cilbelc/triceversa/index.php?site=1>>. Último acesso em 23/01/2016.

SARAIVA, Arnaldo. *Literatura Brasileira em questão: Actas do II Congresso Português de Literatura Brasileira*. Porto: Centro de Estudos Brasileiros/Faculdade de Letras do Porto, 2000.

SARAIVA, Arnaldo. Entrevista concedida a Joelma Santana Siqueira e Lilian Maria Barbosa Ferrari. *Gláuks: Revista de Letras e Artes*, v. 16, n. 2, p.381-85, jul.-dez. 2016.

Joelma Santana Siqueira

Doutora em Literatura Brasileira pela USP (2008). Estágio Pós-doutoral na Universidade do Porto, com bolsa CAPES (2014-2015). Professora efetiva da graduação e da pós-graduação na Universidade Federal de Viçosa, onde coordena o Programa de Pós-graduação em Letras (2016 – atual). Autora de artigos publicados em diferentes periódicos científicos, coordenou a publicação do volume *Estudos de literatura Brasileira em Portugal: Travessias* (Porto, Portugal: CITCEM/Afrontamentos, 2016) e publicou o livro *Figurar a sensação – o espaço na pintura moderna e na narrativa de Clarice Lispector* (Viçosa, Editora da UFV, 2017). Contato: jandrausufv@gmail.com

Lilian Maria Barbosa Ferrari

Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa e em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2016). Bolsista do Programa de Licenciaturas Internacionais/CAPES (2012-2014). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) com o projeto “Presença da literatura brasileira em Portugal – a revista *Terceira Margem*” (2015-2016). Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, onde desenvolve com bolsa CAPES o projeto de pesquisa “Adolfo Casais Monteiro e a crítica da literatura brasileira”. Contato: liliaferrari@gmail.com

Artigo recebido em 15/02/2018. Aprovado em 10/03/2018.